



Revisitando o cancionero de Pero Mafaldo

Henrique Marques Samyn¹

EIRÍN GARCÍA, Leticia; FERREIRO, Manuel. **O cancionero de Pero Mafaldo**: edição crítica. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2014.

Esta edição crítica das cantigas atribuídas a Pero Mafaldo vem a lume pouco mais de três décadas após o volume editado por Segismundo Spina, **As cantigas de Pero Mafaldo** (1983) – dado que já evidencia a premência de um trabalho que, incorporando as pesquisas mais atuais em torno do trovadorismo peninsular, proporcionasse uma leitura mais atualizada do variado conjunto de cantigas associado ao trovador. Desta complexa tarefa se ocuparam Leticia Eirín Garcia, professora de Filologias Galega e Portuguesa da Universidade da Corunha, e Manuel Ferreiro, catedrático de Filologias Galega e Portuguesa na mesma universidade, do que resultou uma edição cuja excelência dificilmente poderá ser ultrapassada.

Pouco se sabe acerca da vida de Pero Mafaldo, o que não é inusual no que tange a parte considerável dos trovadores e jograis galego-portugueses. A documentação sugere que tenha nascido já no século XIII, e atesta sua presença nas cortes castelhanas de Fernando III e Afonso X e na corte aragonesa de Jaime I. Entre os estudiosos que mais se dedicaram à investigação em torno de sua biografia, destacam-se António Resende de Oliveira e Vicenç Beltran. Para o historiador português (1994, p. 419-421) Pero Mafaldo era filho de Men Pais Mafaldo – possuidor de diversas propriedades no norte de Portugal, mais especificamente em Souto de Rebordões. Na documentação que lhe é associada, podem-se encontrar também os nomes dos trovadores João Garcia de Guilhade (que surge, ao seu lado, como testemunha de uma doação do padroado da igreja de Santa Cruz de Leça à Sé do Porto, datada de 1239) e João de Aboim (de quem possivelmente estaria a serviço em 1265). Já dentre os diversos apontamentos de Vicenç Beltran, chamam a atenção as observações em torno do “provençalismo” da produção lírica de Mafaldo, bem como sua identificação como o “Petrum, juglar” documentado a serviço de Jaime I de Aragão (2005, p. 247-275).

Todas as nove cantigas de Pero Mafaldo foram conservadas no Cancioneiro da Biblioteca Nacional, no qual estão distribuídas de modo irregular: as cantigas de amor – que Giuseppe Tavani (2002, p. 433) qualifica como “convencionais”, com exceção da cantiga dialogada (B 371) na qual Eirín Garcia e Ferreiro percebem “tanto

¹Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da UERJ, atuando na graduação e na pós-graduação. Doutor em Literatura Comparada, com Pós-Doutorado em Literatura Portuguesa.

características do gênero de amigo como do gênero de amor” (p. 42; tradução nossa) – aparecem junto das de amigo, por exemplo, sendo que uma das últimas aparece depois das de Afonso Mendes de Besteiros. Quanto às cantigas satíricas, as dirigidas a Maria Perez e a Pero de Ambroa aparecem num mesmo fólio, ao passo que a composição moralizante *Vej’eu as gentes andar revolvendo* (B 374) segue-se às mencionadas cantigas copiadas de modo contínuo. Na avaliação de Eirín García e Ferreiro, “os seus versos estão tingidos dum moderado tom provençalizante tanto no que diz respeito ao uso dos motivos e ao léxico empregado como a algumas das formas estróficas pelas quais mostra clara preferência” (p. 11; tradução nossa), o que, para os editores, pode ser atribuído à passagem pelas cortes castelhana e aragonesa.

Trazendo informações sobre os manuscritos, edições e variantes, bem como sobre a métrica e os artifícios de cada uma das cantigas, esta minuciosa edição merece destaque também pelos comentários – que analisam as composições tanto no âmbito específico da obra de Pero Mafaldo, considerando aspectos estéticos, retóricos e lexicais, quanto no conjunto geral da poética trovadoresca; e pelas notas, que explicitam e justificam as opções adotadas pelos editores. Meramente à guisa de exemplo, destacarei alguns trechos de seções dedicadas a duas das cantigas, a fim de evidenciar a qualidade do trabalho em tela.

Os comentários acerca de *O meu amig’, amiga, que me gran ben fazia* [B 383] enfatizam que, embora a cantiga trate da separação – por motivos não evidenciados – entre a amiga e o amigo, *topos* nada estranho ao gênero, ensejando à voz poética feminina queixas e acusações que denunciam as mentiras contadas por aquele (“*máis foron de cento*”!), a cantiga se singulariza por pelo menos três motivos: apresenta um topônimo (*Catalonha*), utiliza um léxico próprio do contexto da homenagem feudal e encerra construções características do registro oral. Já os comentários em torno de *Maria Perez, and’eu mui coitado* [B 1513], cantiga dedicada à célebre “Balteira” que se insere entre as paródias do gênero de amor, demonstram eficazmente como a *equivocatio* reside não apenas na ambiguidade semântica de alguns termos (sobretudo no que tange à antítese *bem/mal*), mas também no modo como o texto, por seu sentido geral, desestabiliza o horizonte de expectativa dos receptores.

O volume de Eirín García e Ferreiro constitui, em síntese, uma contribuição de extrema relevância para os estudos contemporâneos acerca do trovadorismo galego-português; se há sempre alguma imprudência em considerar qualquer trabalho como definitivo, julgo possível assegurar que esta permanecerá uma referência incontornável para qualquer investigação acerca do tão singular cancionero de Pero Mafaldo.

Bibliografia

BELTRAN, Vicenç. *La corte de Babel: lenguas, poética y política en la España del siglo XIII*. Madrid: Gredos, 2005.

OLIVEIRA, António Resende de. *Depois do espectáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

SPINA, Segismundo. *As cantigas de Pero Mafaldo: texto estabelecido, com notas e*

glossário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

TAVANI, Giuseppe. *Trovadores e jograis*: introdução à poesia medieval galego-portuguesa. Lisboa: Caminho, 2002.